

A FAMÍLIA TRADICIONAL, O PRAGMATISMO DESENFREADO E OS DESAFIOS DA CULTURA DO PÓS-MODERNIDADE

Amados,

Há dias venho tentando rabiscar algo e quase não consigo terminar, porque me sinto tão incompetente, tão incapaz para escrever o que penso e que precisotransmitir pelos meus pensamentos ... Incapacidade explícita e bem notória. Só não ver quem não quer...Mas, mesmo assim, voltei-me para um texto muito conhecido de todos nós – **Romanos 12.2**. Antes de prosseguirmos, vejamos o que nos diz o apóstolo Paulo: *“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”*.

Esta é a quarta **conjunção** da Epístola aos Romanos. Em Romanos 3.20, é o *“visto que”* **causal da condenação**, declarando que o mundo é culpado diante de Deus. Em Romanos 5.1 é o *“pois”* **conclusivo da justificação** e em Romanos 8.1 é o *“pois”* **conclusivo da garantia**. Agora em Romanos 12.1, encontramos o *“pois”* **conclusivo da consagração**, e essa consagração é a base para os outros relacionamentos dos quais Paulo trata nesta Epístola. Primeiro ele fala de **entrega**. Não sei se vocês se lembram, mas eu me lembro perfeitamente bem, que antes de crer em Cristo, usávamos o corpo para prazeres e propósitos pecaminosos; agora **pertencemos ao Senhor**, usamos o corpo, o nosso corpo, para **a glória do Senhor** – ou pelos menos deveríamos usá-lo sempre para este fim, tão-somente; pois ele é templo de Deus (I Coríntios 6.19,20), pois o Espírito Santo habita nele (Romanos 8.9) e é nosso privilégio glorificar e engrandecer a Cristo com o nosso corpo (Filipenses 1.20-21).

Há dois *“sacrifícios vivos”* na Bíblia que nos ajudam a entender o verdadeiro significado desse conceito: *“sacrifício vivo”*. O primeiro é Isaque (Gênesis 22); o segundo é nosso Senhor Jesus Cristo. Isaque colocou-se voluntariamente no altar e se mostrou disposto a morrer em obediência à vontade Deus, mas o Senhor Deus enviou o cordeiro que tomou o seu lugar. Quando saiu do altar, Isaque era um *“sacrifício vivo”* para a glória de Deus. É evidente que o Senhor Jesus Cristo é a ilustração perfeita de um *“sacrifício vivo”*, pois, na

verdade, morreu como sacrifício em obediência à vontade do Pai. No entanto, ressuscitou e hoje está no Céu como "*sacrifício vivo*" levando ainda em Seu corpo as marcas do Calvário. Ele é nosso Sumo Sacerdote (Hebreus 4.14-16) e nosso Advogado (I João 2.1) diante do trono de Deus. O termo "*apresentar*", em Romanos 12.1, significa "*apresentar-se de uma vez por todas*". Este é o sentido.

Mas vamos nos demorar um pouco mais observando o v. 2 de Romanos 12. Aqui fala de entregar, de apresentar a mente, a nossa mente a Deus. O mundo quer controlar nossa mente, mas Deus quer transformá-la (Efésios 4.17-24; Colossenses 3.1-11). O termo traduzido por "*transformar*" é o mesmo traduzido por *transfigurar* em Mateus 17.2. Em nossa língua portuguesa, para aqueles que entendem e que são estudiosos da língua portuguesa, equivale à palavra "*metamorfose*". Descreve uma mudança que ocorre **de dentro para fora**. O mundo deseja mudar nossa mente e, para isso, exerce pressão externa, **de fora para dentro**.

Mas há um detalhe que não podemos nos esquecer jamais: o Espírito Santo transforma nossa mente, liberando poder interior. Se o mundo controla nossa maneira de pensar, **somos conformados**, mas se Deus controla nossa maneira de pensar, **somos transformados**. Esta é grande diferença! Deus transforma nossa mente e a focaliza nas coisas espirituais, usando a Sua Palavra. Como? Ao passarmos tempo meditando sobre a Palavra de Deus, memorizando-a e assimilando-a em nosso ser interior, e aos poucos, Deus torna nossa mente cada vez mais espiritual (II Coríntios 3.18).

Paulo ao escrever à Igreja em Roma, fez uma advertência, que serve para os nossos dias, constituindo assim um princípio bíblico a ser observado pelos cristãos de todas as épocas e culturas. Ele disse àquela igreja em Roma que ela não podia se conformar com o presente século, e o sentido do texto é que não podemos nos amoldar à filosofia deste mundo, nem tomar-lhe a forma ou mesmo nos enquadrar ao seu esquema, mesmo que nos venha da parte do governo, pois, "*antes, importa obedecer a Deus do que aos homens*" (Atos 5.29). Caso contrário, ela, a igreja, poderá ser encontrada **reproduzindo comportamentos, práticas e costumes** que contradizem os valores históricos da fé cristã.

Em tese, todo cristão concorda que existe, nas Sagradas Escrituras, um modelo de família determinado por Deus, capaz de preservar e abençoar os cônjuges com seus respectivos filhos. Porém, na prática, não são poucos os que, no dia a dia, se calam, cruzam os braços, se amoldam à cultura vigente, adotando um estilo de vida familiar que contradiz os princípios da inerrante Palavra de Deus.

Por esta razão, antes de mais nada, é bom considerarmos alguns pilares da cultura reinante pós-modernidade e de braços dados com o **pragmatismo utilitarista**, tremendamente desenfreado, que, destrutivamente, e de forma maligna, têm influenciado e minado o ambiente familiar. O pragmatismo, teoria criada pelo americano Willian James (1842-1910), no século XX, defende que a validade de um conceito seria determinada pelas consequências práticas de sua funcionalidade e aceitação. Essa ideia tornou-se mais consistente sob a instrumentalidade de John Dewey. Segundo ele o pragmatismo "*...não importa quão grotesca seja a falácia formal de uma teoria, ela sempre será verdadeira se promulgar os interesses de uma sociedade otimista*" (GEISLER, Norman L, em "*Enciclopédia de Apologética*", pág. 711). O valor das coisas e da própria verdade era medido pelos resultados imediatos. Diante dessa filosofia, a família brasileira tradicional está em perigo, e precisamos abrir não só os nossos olhos, mas também a nossa boca contra tudo isso que aí está.

E o que significa pós-modernidade? Pós-modernidade é o nome que se dá ao período histórico em que estamos vivendo. A compreensão é de que a cultura passou por uma mudança muito drástica a partir da Segunda Guerra Mundial e, especialmente, entre as décadas de sessenta e setenta, de modo que não faz mais sentido chamar nossa época de modernidade. Por outro lado, pós-modernidade é o nome que se dá à filosofia que impera na pós-modernidade. Mas o assunto é longo e não temos competência e nem capacidade suficiente para uma análise bem mais profunda e científica.

Tenho em mente que "*O sapateiro não pode ir além do sapato*", pois aprendi isso, na minha velha Crestomatia publicada em diversas edições pelas Livrarias Globo, de Porto Alegre, relíquia rara organizada pelo inesquecível Prof. Radagásio Taborda, obra esta disputadíssima hoje por colecionadores e bibliófilos, quando do meu

inesquecível exame de admissão ao ginásio, hoje fundamental II, realizado no Colégio Lourenço Filho, uma das escolas mais tradicionais de minha terra natal, o qual ficava instalado em um casarão bem no centro da cidade de Fortaleza. Por incrível que pareça, tenho ainda o meu exemplar bem guardado em minha biblioteca!

Há uma pluralidade de coisas acontecendo e a rejeição do conceito de verdade. Pluralidade é a filosofia que rejeita o conceito de **verdade absoluta**, relativizando tudo que se apresentar como **norma universal**. Isso significa que, à luz do pensamento que predomina hoje nas escolas, no cinema, nos meios de comunicação de massa e na sociedade como um todo, não há mais uma verdade que seja universalmente válida para todas as pessoas. Em resumo: "*cada cabeça é uma sentença*".

Não havendo uma só norma que conduza o homem em suas decisões, ele se tornou refém das suas próprias escolhas. No pluralismo, o que vale são as escolhas. As ideias de autonomia e de liberdade baseiam-se no gosto, no querer e na vontade de cada um. As escolhas já não seguem o critério do certo e do errado, **mas do que dá certo e do que funciona**. Nada é mais normativo, tudo é funcional. Por isso reina muito pragmatismo utilitarista desenfreado correndo solto hoje em dia em muitas igrejas até superlotadas, que se dizem evangélicas, espalhadas por aí afora neste mundo de meu Deus. O culto à liberdade de escolha relativiza qualquer pressuposto ético, julgando que algum desejo supostamente satisfeito seja feito. E ponto.

O resultado final dessa filosofia é que tudo na vida é opcional. Como falar da moral cristã em uma cultura segundo a qual tudo é opcional? Como? Ser homossexual hoje, é uma maravilha, já não é uma questão de moral, mas uma opção qualquer, como uma escolha entre tomar Coca-Cola ou guaraná.

O divórcio deixou de ser algo abominável a Deus, pois permanecer casado ou não é uma opção pessoal de cada cônjuge. E hoje, até pastores se divorciam com a maior facilidade, e por **qualquer motivo**, porque as leis do país assim lhes favorecem, e não lhes serve mais de base o que lhes diz a Palavra de Deus, e casam e recasam, quantas vezes for necessário, se possível for, porque

acreditam, piamente, naquela filosofia: "*insista, persista e não desista que seu dia chegará*" e ninguém tem nada a ver com isso, porque é simplesmente opção pessoal, ora bolas.

A virgindade deixou de ser um valor moral, de modo que o sexo ocorre e corre livremente, antes e fora do casamento, e isso ocorre até em nosso meio, sim senhores, em nosso meio, diante dos nossos olhos e barbas, entre os nossos jovens e entre muitos dos nossos adultos, gente muito boa, compenetrada e séria e prestativa, e pastor nenhum tem nada a ver com isso, pois deve apenas se meter com a sua vida particular, pois tudo se resume em uma *transa* ocasional e opcional e ponto. E daí?...

No âmbito da religião, as pessoas selecionam na Bíblia **aquilo em que querem crer**; confessam um deus pluralista, **conforme a sua imagem e semelhança**; escolhem igrejas e pastores **que lhes digam o que querem apenas ouvir**. Tudo isso hoje também é opcional. Assim, não há a chatice de relacionamentos duradouros em nenhuma esfera da vida. Não há fidelidade nem permanência, tudo é opcional, inconstante e sem consistência "e *que seja eterno, até que dure*".

O fim último do pluralismo é o relativismo absoluto, para o qual não há verdade, nem normas, nem valores morais, éticos ou religiosos válidos. Assim, é que cada um constrói seu próprio caminho à luz das suas opções, escolhas e das suas crenças particulares. A cultura pós-modernidade é totalmente contrária à família tradicional, pois como observou muito bem Ítalo Gastaldi, defendendo abertamente o "*prazer no efêmero, no fragmentário, no descontínuo e no caótico. Viver é experimentar sensações; quanto mais fortes, intensas e rápidas, melhor. Nada de sentimentos de culpa, nada de bem e de mal. Nada de valores: o que importa é o que agrada*" (SALINAS, Daniel. Pós-modernidade. ABU, p. 36).

A privatização é a filosofia que reivindica a total autonomia do homem e o direito de ir e vir sem ter que dar satisfações a ninguém. Trata-se de um individualismo egoísta, em que o outro é ignorado como se fosse inexistente. Quando o relacionamento familiar é determinado por essa total privacidade, o casal vive um divórcio prático, apesar de dividir a mesma cama, e os filhos se tornam independentes apesar da pouca idade. Na privatização relacional é

"*cada um na sua*" e ai daqueles que tentam estabelecer diálogo. Dependendo do tipo de intervenção, a resposta será sempre desafortada:

"*Quem manda na minha vida sou eu...*"; "*na minha boca, mando eu e ninguém me diz como devo falar*"; "*a vida é minha, o dinheiro é meu, o corpo é meu e eu faço o que bem entender*"; "*quem, você pensa que é pra se meter na minha vida?*"; "*por acaso, eu pedi sua opinião?*"; "*a ninguém, eu dou o direito de me dizer o que devo fazer*"; "*questão de gosto não se discute*"; "*quem você pensa que é para me dizer o que é certo e o que é errado?*" ...

Em nome dessa privacidade, novos modelos de família estão surgindo. Casamento, por exemplo, não é mais entre um homem e uma mulher, como antigamente. Hoje, **é a união de duas pessoas**, não importa de que sexo sejam. Tudo agora é opcional. Até os dicionários tradicionais estão mudando no verbete casamento, para o novo conceito, para se adaptarem ao mundo pós-modernidade. Não acreditam? Procure isso nas boas livrarias da sua cidade.

O casal quer ter liberdade para se envolver com terceiros, sob a alegação que "*é só pra sexo*". O filho deixa a casa do pai para morar sozinho, pois o melhor é "*cada um na sua*". Morar sozinho é o ideal. Afinal, o filho quer ter privacidade para se drogar, chegar em casa sem hora marcada pelos pais '*caretas*', para poder levar a namorada para o quarto ou até '*virar guey*', vale tudo, tudo é opcional. A mulher, por sua vez, quer privacidade para seguir carreira profissional, independentemente do bem-estar da família; privacidade para abortar, viajar, sair com as amigas, etc. Quanto ao homem, deseja ter privacidade para ganhar e gastar seu dinheiro sem interferências; privacidade para viver um caso extraconjugal, divorciar-se e "*ser feliz*". Esta é a *pedida* do momento.

A confusão entre o privado e o público começou na política e passou à igreja, chegando posteriormente à família. Primeiro, tivemos a privatização das empresas públicas. Em seguida, assistimos de camarotes, como as empresas públicas foram utilizadas para fins privados, aí está o caso da Petrobrás, que todos os dias e semanas, enchem os noticiários, e não mais nos surpreendemos.

Na igreja, houve a separação entre o sagrado e o secular. Na esfera do privado (igreja), o homem canta, ora, levanta as mãos e lê a Bíblia; na esfera do público (trabalho), mente, solta cheques sem fundos, sonega impostos, exímio em coisas ilícitas para se locupletar com êxito e maltrata o seu próximo e compete pelo seu lugar. O homem pós-moderno é um hipócrita que sabe como trocar de máscara, para melhor se favorecer. Quando atua em público, é aparentemente afável, politicamente correto, piedoso e democrático. O problema é que há um lugar em que o homem fica despido das suas máscaras. **Esse lugar é o lar.** Aí, então, surge o ditador, o controlador, o violento, o impiedoso, o carrasco, o déspota, aquele que não sabe perdoar aos seus e nem aos "domésticos da fé". A família, então, desmorona, porque, dentro do lar, entre as quatro paredes, a realidade se torna insuportável.

Secularização é o processo pelo qual dogmas, conceitos, normas, doutrinas e a própria instituição religiosa perdem seu significado. Algo existe, mas sem identidade. Acho que estamos tentando descrever algo que conhecemos bem de perto, mas sempre varremos tudo para debaixo do tapete. Isso acontece porque as pessoas não mais aceitam submeter-se a nenhuma autoridade, inclusive à de Deus.

Nesse contexto, ainda que a religião seja aceita, sua presença é meramente formal e decorativa, opcional. Dá-se como um mero "*compartimento*" da vida. Uma religião que não consegue influenciar nem normatizar os relacionamentos familiares, acaba perdendo a razão de ser... Na secularização, os valores mudam conforme as mudanças da cultura, que, por sua vez, é determinada pela influência da mídia, pelos poderes do mercado, pela lógica do marketing e do lucro. *É vamos-que-vamos.*

O secularismo nega o Deus transcendente e opta por um deus desfigurado; rejeita a sã doutrina e opta pelo misticismo esotérico e sincretista; rejeita o Evangelho do Senhor Jesus e apregoa '*novas revelações*', novas experiências, novas e velhas heresias. O secularismo profana o sagrado e sacraliza o profano. Jesus é apresentado na literatura moderna, como grande líder, exemplo para o marketing de vendas, enquanto, ao mesmo tempo, nega-se sua divindade; Jesus é vendido como mercadoria nos "*shoppings*"

dos grandes templos, enquanto mercadorias são convertidas em símbolos sagrados; cultos se transformam em "show da fé" enquanto práticas do espiritismo são introduzidas no culto e o povo gosta de tudo isso, porque é um povo profundamente místico. É a inversão de valores.

No secularismo, o homem vive como se Deus não existisse. Afinal, ele aprendeu a ser autônomo. Optou pela autonomia. Deus, para este tipo de homem, é apenas um meio necessário para alcançar fins privatistas. O secularismo tirou Deus do centro e neste pôs o mercado, o consumo e o próprio homem. Tirou do homem a culpa pelo pecado, mas não resolveu o problema da ansiedade; destruiu a família, e o que temos é um homem sem referenciais; destruiu o casamento, e o que temos um é homem solitário; substituiu o espiritual pelo material, e o que temos é um homem vazio, insatisfeito e insaciável, que corre de tudo e de todos para viver a sua vida; relativizou os valores éticos, e o que temos é a lógica da competição e do sucesso imediato e a qualquer custo; disseram que o homem era deus de si mesmo, e o que temos é um homem cada vez mais perverso, egoísta e animalesco, pois os animais são bem mais humanos que os homens; disseram que o inferno era aqui, e o que temos é a infernização da vida como antecipação do juízo escatológico; disseram que o cosmos é produto de uma grande explosão, e o que temos é um ecossistema à beira de um tsunami universal. A secularização atribui a Deus, à religião, à Bíblia e aos axiomas morais um valor secundário, pois isso, meus amados, abramos nos nossos olhos enquanto há tempo, pois estas influências **de fora para dentro**, é extremamente prejudicial à família cristã brasileira.

Pensemos no que o apóstolo Paulo nos diz: "*Rogo, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século (filosofia do mundo), mas transformai-vos pelo renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*" (Romanos 12.1-2).

Pr. Barbosa Neto
Fortaleza – CE.